

própria da teologia; um apartado reflete sobre a unidade da teologia no seio de uma pluralidade de métodos e de disciplinas; finalmente, uma palavra sobre a relação ciência e sabedoria.

Um longo apêndice (pp. 113-140) fornece linhas de orientação para a leitura deste documento. Em anexo, vários extratos de textos de Bento XVI aplicáveis à temática em questão.

LUÍS SALGADO

SÈBE, Jean-Baptiste, **Le Christ, l'écrivain et le monde. Théologie et œuvres littéraires chez Hans Urs von Balthasar**, coll. « Cogitatio Fidei », Les Éditions du Cerf (www.editionsdu-cerf.fr), Paris, 2012, 512 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09494-8.

O autor deste excelente estudo – sacerdote da diocese de Rouen, doutor em teologia e docente no Instituto católico de Paris – parte da constatação de uma ausência, que é uma verdadeira lacuna, no estudo das fontes da teologia de H. U. von Balthasar: aqueles que se têm dedicado à sua investigação limitam-se às fontes filosóficas e patrísticas, deixando de parte as fontes da literatura, com a qual aquele teólogo teve uma relação estreita e da qual recebeu contributos relevantes e mesmo, em boa medida, o caráter original da sua obra. Afinal, como mostra von Balthasar, nas obras literárias (poesia, romance, teatro...) anda perscrutado e de algum modo desvelado o mistério do Ser e, em última análise, o mistério de Deus. Por isso a sua obra, como honrosa exceção, não cai sob a acusação, já assinalada por O.-T. Venard, de que entre teologia e literatura há «um diálogo de surdos e uma ignorância partilhada» (p. 32).

O autor confessa que o seu trabalho nasceu de uma insatisfação pessoal e de duas questões. A insatisfação incidia sobre o silêncio que, nos decursos dos seus estudos teológicos, foi mantido a respeito do alcance espiritual da experiência estética e do formidável potencial de sentido da literatura. Uma teologia em modo «clássico», conforme a designação de Chenu por ele citado, permanece uma teologia, excessiva ou mesmo exclusivamente, conceptual, fria e árida. Ela ignora o poder sugestivo das palavras literárias e o encantamento que produzem na consciência do leitor. Chenu levantou a voz contra o divórcio entre teologia e literatura precisamente por saber disso e por saber que a própria Bíblia (fonte, por excelência, da teologia) é literatura (p. 24).

Das duas questões referidas, a primeira é sobre a possibilidade e as condições de um diálogo produtivo entre teologia e literatura, ou para que os teólogos não façam como preconizava Platão, que proibia aos poetas a entrada na cidade; a segunda é ela mesma dupla: porquê não tem sido estudada a relação entre teologia e literatura em von Balthasar? e, dado que este teólogo não lhe definiu teoricamente os contornos, como deverá ela ser tratada? A este respeito uma coisa parece evidente a J.-B. Sèbe: é necessário aliar convenientemente sistematização (racional) e presença de numerosos autores e obras do âmbito literário (estética).

A resposta à primeira questão implica o problema do método adequado para o estudo desta valência da obra balthasariana. Como princípio base, J.-B. Sebe releva que «o terreno de trabalho comum entre a literatura e a teologia é a imagem» enquanto «matéria estética da ideia» (p. 38). Uma linha que se propõe ter em atenção é o uso que von Balthasar fez, na sua leitura, dos métodos de análise literária (estudo de

um tema, campo lexical, análise das personagens, narratividade...). Outra linha é a da «sim-patia» que une o texto e o seu leitor, coisa válida para o próprio teólogo em estudo e para o estudioso do mesmo. Propõe-se, além disso, assumir os textos de Balthasar e os dos autores por ele lidos tais como ele os leu, seguindo a variação dos métodos por ele utilizados conforme os autores. Enfim, é seu propósito prestar atenção ao estilo literário enquanto jogo entre a forma e o fundo, não como mero jogo com função decorativa ou retórica, mas como algo que releva também da experiência espiritual do respetivo autor.

Havendo necessidade de concentrar o seu estudo em algo de essencial da obra balthasariana, J.-B. Sèbes optou pela conhecida Trilogia onde se incluem *A Glória e a Cruz*, *Dramática Divina* e *Teológica* e em torno da qual gravitam a generalidade de outras obras do teólogo suíço. Entre estas, concede todavia, e bem, um lugar de exceção a *O Cristão Bernanos*. De resto, dos 83 autores do âmbito da literatura citados ou referidos por Balthasar J.-B. Sèbes concede particular relevo ao mesmo Georges Bernanos, a Charles Péguy, a Gerard Manley Hopkins e a Calderón de la Barca. Outros lhe merecem, todavia, particular interesse, como é o caso de Dante, Pascal e Claudel.

Estamos perante um estudo de grande fôlego, que promete trazer novidade e muita sugestividade a quantos se dedicam à teologia. Enriquecido por dois valiosos anexos: uma tabela de repartição dos autores no conjunto da Trilogia de Balthasar (463-474) e uma bibliografia ativa e passiva, quer de Balthasar quer dos autores literários em destaque.

JORGE COUTINHO

DURAND, Emmanuel, **L'Offre universelle du salut en Christ**, coll. « Cogitatio Fidei », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 435 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09771-0.

Este livro contém no próprio título três palavras-chave que abrem o sentido do seu conteúdo: «universelle», «salut», «Christ». De facto, trata-se simultaneamente de uma cristologia e de uma soteriologia, e das duas na perspectiva da universalidade da oferta da salvação. Em ordem ao desenvolvimento do seu discurso, o autor – dominicano, docente de teologia dogmática no Instituto católico de Paris e no Centro de Estudos Dominicanos da Província de França – serve-se da parábola do sementeiro que semeia por toda a parte, em terrenos bons, menos bons e mesmo maus. A dinâmica do mesmo discurso vai no sentido de levar o leitor a descobrir quem é verdadeiramente o Sementeiro, caminhando com ele, escutando e interrogando, a fim de remontar do seu gesto ao seu rosto, e da sua missão à sua identidade. Em síntese: da amplitude do gesto à singularidade do Sementeiro, procurando captar a verdade luminosa da sua pessoa e contemplar o mistério perturbador da sua Páscoa.

O discurso estrutura-se então em quatro grandes momentos, a que correspondem outras tantas partes do livro. Na primeira parte, o autor define a via de acesso, o objeto e a escolha do método. Esboça uma hermenêutica confessante do testemunho escriturístico prestado ao Nazareno e centrado no acontecimento pascal, de onde decorre a coerência dos enunciados da fé. A Ressurreição desvela a filiação divina de Jesus.

A segunda parte incide sobre a missão e a encarnação do Filho de Deus e sua intenção salvífica, não sem evidenciar a sua